



O fogo do amor¹

Mohammed Rustom*

Tradução de José Martins dos Santos Neto**

Introdução

Quando pensamos em amor no âmbito do Islã, normalmente associamos essa virtude a figuras como o grande Jalal al-Din Rumi (d. 1273)². No entanto, houve muitos autores bem antes da época de Rumi, alguns dos quais forneceram muito do repertório de imagens e do simbolismo que viriam a se tornar comuns na época de Rumi. Figuras como ‘Abd Allah Ansari (d. 1089), Ahmad Ghazali (d. 1126), Rashid al-Din Maybudi (d. ca. 1126) e Ahmad Sam‘ani (d. 1140) foram os principais teólogos do amor no Islã³. E assim foram vistos por seus contemporâneos, e pelos seus sucessores, como Ruzbihan Baqli (d. 1209), Farid al-Din ‘Attar (d. 1220),⁴ e Rumi, além de gerações de muçulmanos do subcontinente, Ásia Central, Turquia, Irã, Afeganistão e outras regiões até nossos próprios tempos.

Teria sido bastante normativo para as pessoas que acabamos de mencionar ver o objetivo da vida através das lentes do amor. Afinal, a experiência humana fundamental do amor é central para a visão de mundo do Alcorão e, portanto,

¹ A referência original deste texto traduzido para o português é a seguinte: Rustom, Mohammed. Theo-Fānī: ‘Ayn al-Qudāt and the Fire of Love. In: ORFALI, Bilal; KHALIL, Atif; Rustom, Mohammed. *Mysticism and Ethics in Islam*. Beirut: American University of Beirut Press, 2022, p. 129-138.

Tradução submetida em 05 de outubro de 2022 e aprovada em 01 de novembro de 2024.

* Professor de Pensamento Islâmico e Filosofia Global na Carleton University. Diretor do Carleton Centre para o Estudo do Islã. País de origem: Canadá. E-mail: mohammedrustom@cunet.carleton.ca

** Doutor em Filosofia. Professor na PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: biotoque@yahoo.com.br.

² A exposição mais clara da teologia do amor de Rumi continua sendo *The Sufi Path of Love: The Spiritual Teachings of Rumi*, de William Chittick.

³ Para tal, veja, respectivamente, Rawan Farhadi, ‘Abdullah Ansari of Herat (1006-1089 d.C.): An Early Sufi Master; Joseph Lumbard, Amad al-Ghazali, Remembrance, and the Metaphysics of Love; Annabel Keeler, *Sufi Hermeneutics: The Qur’an Commentary of Rashid al-Din Maybudi*; Ahmad Sam‘ani, *The Repose of the Spirits: A Sufi Commentary on the Divine Names*, trad. William Chittick.

⁴ Para um excelente estudo sobre Baqli, consulte: Murata, 2017. Para um excelente estudo recente sobre ‘Attar, consulte: Zargar, 2024.

para a espiritualidade islâmica, como foi demonstrado por William Chittick em seu livro inovador, *“Amor Divino: Literatura Islâmica e o Caminho para Deus”* (Chittick, 2013). Dentre esses autores, um dos maiores foi o sábio, filósofo, jurista e mártir persa ‘Ayn al-Qudat (d. 1131), que foi o famoso aluno de Ahmad Ghazali. Ele era tão conhecido por sua ênfase no amor divino e humano que ganhou o título de “Sultão dos Amantes” logo após sua morte.⁵ Do mesmo modo que os teólogos do amor que vieram antes e depois dele, ‘Ayn al-Qudat passou muito tempo escrevendo sobre a natureza e todas as implicações de uma vida entregue ao amor por Deus e pelas suas criaturas.

Uma vez que ‘Ayn al-Qudat foi herdeiro de uma longa tradição de reflexão teórica sobre o amor e foi ele próprio um importante canal para a transmissão da teologia do amor para os inúmeros grandes poetas e prosadores que vieram depois dele, seus escritos sobre o amor representam um dos mais importantes tratamentos coerentes e profundos do tema em toda a civilização islâmica e até humana. A seguir, apresentarei, portanto, uma dimensão da compreensão multifacetada e complexa do amor de ‘Ayn al-Qudat.⁶

1 Buscando o Amor

Os leitores de Rumi estarão familiarizados com sua ênfase na incapacidade da linguagem para definir o amor. Considere, por exemplo, estas famosas linhas de seu Masnavi:

O que quer que eu diga sobre o amor por meio de comentários e exposições,
quando começo a amar, fico envergonhado disso.
Embora a explicação com a língua seja clara,
aquele amor sem língua é ainda mais claro (Rustom, 2013, p. 188-189).

Como Rumi, ‘Ayn al-Qudat nunca tenta definir o amor com base no fato de que a realidade do amor é simplesmente inefável. Isso significa que nossas faculdades racionais comuns não têm acesso aos mistérios do amor. E isso explica por que ele diz que “quando chega o sol do amor, a estrela do intelecto é obliterada” (‘Ayn al-Qudat, 1998, 2:219, § 327). Uma vez que os teólogos racionais

⁵ Para sua vida e ensinamentos, consultar Mohammed Rustom, *Inrushes of the Heart: The Sufi Philosophy of ‘Ayn al-Qudat*.

⁶ Para conhecer toda a teoria do amor de ‘Ayn al-Qudat e sua relação com outros aspectos de seu pensamento, consultar Rustom, *Inrushes of the Heart*, capítulo sete. Para esse poema no seu contexto, consultar Rustom, 2013, p. 188-199.

e os legalistas se engajam em disputa intelectual seus laços são inteiramente insuficientes na questão do amor:

Aqui, o que "fazer" e "não fazer" podem fazer? As decisões dos amantes são uma coisa, e as decisões dos intelectuais, outra bem diferente! ('Ayn al-Qudat, 1998, 2:219, § 328).

Não pense que você e seus semelhantes conheceram o amor, além de suas armadilhas sem realidade! O amor só é obtido por aquele que obtém o reconhecimento [ma'rifat]. ('Ayn al-Qudat, 1998, 2:153, § 224).

Em vez de tentar definir o amor, 'Ayn al-Qudat insiste que devemos nos contentar com nossos recursos imperfeitos de expressão humana:

Uma explicação do amor não pode ser dada senão por meio de símbolos e imagens, e isso para que se possa falar de amor. Se não, o que poderia ser dito sobre o amor e o que deveria ser falado? ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 125, § 174).

Como exemplo, 'Ayn al-Qudat nos diz que o amor é um véu entre o amante e o Amado. ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 127, § 176). Em outro, ele caracteriza o cosmos como sendo repleto de atores trágicos no palco do amor:

O mundo não pode obter o segredo do amor, mas está enamorado e confuso pelo amor. E o amor sabe o que foi feito ao mundo - está sempre em estado de tristeza e pesar. ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 108, § 153).

Quando 'Ayn al-Qudat discute as características do amor, seu primeiro ponto de entrada é identificar seu indicador primário: o de deixar as próprias inclinações egoístas e dá preferência ao objeto do amor, e de fato o amor em si sobre si:

Ai de mim! O que se pode dizer do amor? Que traço de amor deve ser dado e que indicação pode ser fornecida? Ao dar o passo no amor, a pessoa se submete porque não está consigo mesma. Ela se abandona e prefere o amor a si mesma. ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 96-97, § 137).

O desarranjo [sawdā'i] do amor é mais valioso do que a esperteza do mundo!... Quem não é um amante é um vidente... Ser amante é estar sem individualidade e sem um caminho. ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 98, § 140).

Uma vez que o amor é de uma natureza tão totalizadora, 'Ayn al-Qudat explica que ele consome o amante inteiramente: "O amor tem um poder que, quando permeia o amado, o amado se espalha e consome a totalidade do amante". ('Ayn al-Qudat, 1994, p. 100, § 141). Embora antes de ser consumido pelo amor, deve-se procurar cultivar o amor dentro de si:

A tarefa do buscador é procurar em si mesmo nada além de amor. A existência do amante é do amor. Como ele pode viver sem amor? Reconheça a vida a partir do amor e encontre a morte sem amor! (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 98, § 139).

Buscar o amor dentro de si é um conceito abstrato e uma possibilidade distante para a maioria das pessoas. Assim, o caminho mais seguro para o mundo do amor é desenvolver um relacionamento com Deus, e a maneira mais fácil de fazer isso é cultivar o amor no coração pelas criaturas de Deus. Em outras palavras, através do amor às pessoas e outros seres sencientes, pode-se chegar ao alcance do vasto escopo do amor: "Ama-se tudo o que existe, pois tudo o que existe é Seu ato e trabalho manual." (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 140, § 191). Na medida em que os seres humanos existem e o amor é sinônimo de existência (como de fato tem sido para muitos dos principais sábios do Islã), os seres humanos são caracterizados pelo amor, assim como são caracterizados pela existência:

Para cada pessoa, o amor é uma obrigação no caminho. Infelizmente! Se você não tem amor pelo Criador, ao menos cultive o amor pelas criaturas para que o valor dessas palavras seja obtido por você. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 96, § 137; veja também p. 107, § 151).

2 Fracos e dignos

A noção de se cultivar o amor naturalmente levanta a questão de como isso pode ser feito. Para ‘Ayn al-Qudat, assim como para tantos outros autores da tradição sufi persa, a resposta é bastante direta. Deve-se deixar que o amor seja seu guia e mestre: "Seja um estudante! O próprio AMOR é suficiente como seu professor." (‘Ayn al-Qudat, 1998, 2:128, § 188). O amor, que é Deus, levará a pessoa a Deus, que é o Amado supremo. Quanto melhor for o treinamento na escola do amor divino, mais belo (e, portanto, amado) será o Amado para o estudante:

O primeiro colírio com o qual o viajante buscador [tālib-i sālik] deve ser ungido é o amor. Nosso mestre⁷ disse: "Não há mestre mais penetrante do que o amor" - não há mestre mais perfeito para o viajante do que o amor. Certa vez, perguntei ao mestre: "Qual é o guia para Deus?" Ele disse: "Seu guia é o próprio Deus." (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 283, § 368).

Afirmo que, para o iniciante, o guia para o conhecimento de Deus é o amor. Quem não tem o amor como mestre não é um viajante do

⁷ Isto é, Ahmad Ghazali.

Caminho. Através do Amado, o amante pode alcançar o amor e, em virtude do amor, pode ver o Amado. Quanto mais perfeito o amor de alguém, mais belo parece o Amado. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 284, § 367).

Tornar-se um aprendiz do amor é uma tarefa bastante difícil. É por isso que ‘Ayn al-Qudat afirma francamente que o amor é “proibido aos fracos [narmardân]”. (‘Ayn al-Qudat, 1998, 1:22, § 24; veja também (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 110-111, § 157). Por definição, os “covardes” não foram feitos para enfrentar dificuldades, e não há nada mais difícil do que as provações e tribulações que acompanham o caminho do amor. Em vez de apenas suportar as provações do amor, é preciso acolher a tribulação e, de fato, tornar-se a própria tribulação. Ou seja, é preciso tornar-se nada para poder dar passos no sentido de se tornar tudo:

Ai de mim! Você imagina que a tribulação é dada a cada pessoa? O que você sabe sobre tribulação? Espere até chegar ao ponto de vender seu espírito para a tribulação de Deus. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 243, § 318).

O crente deve sofrer tanto com a tribulação que se torna a própria tribulação, e a tribulação se torna o seu próprio eu. Então, ele ficará inconsciente da tribulação. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 244, § 318).

Mas por que o caminho do amor deve vir com tanta tribulação, a maior das quais é a dor da separação do próprio Deus? Metade da resposta, ‘Ayn al-Qudat nos diz, é porque permite que o futuro amante amadureça e amadureça para que ele possa se transformar de um amante em potencial para um amante na realidade:

O sinal do amor é a sinceridade. Você não sabe o que estou dizendo? No amor, aspereza e fidelidade são necessárias até que o amante seja cozido pela gentileza e severidade do Amado. Caso contrário, ele ficará cru e nada sairá dele. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 221, § 283).

Ai de mim! Você sabe por que todas essas cortinas e véus são colocados sobre o Caminho? Para que, dia após dia, a visão do amante amadureça até que ele possa suportar o fardo de encontrar Deus sem véu. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 104-105, § 148).

A outra metade da resposta ao afirmar que uma tribulação deve se manifestar no caminho do amor é que permite distinguir os homens dos meninos. Ou seja, há muitos que afirmam amar a Deus, mas são poucos os que realmente estão dispostos a suportar as dificuldades que esse relacionamento amoroso acarreta. Para ilustrar seu ponto de vista, ‘Ayn al-Qudat se baseia nas conhecidas imagens da rosa (gul) e do rouxinol (bulbul). O rouxinol chora e lamenta a separação da rosa. Como não suporta a separação da rosa, naturalmente se lança

nela. Mas no canteiro de rosas também há espinhos mortais. Ao ver esses espinhos, o rouxinol que afirma amar a rosa interrompe seu vôo para tentar se salvar. Ele reclama amor, mas quando se trata de aceitar o sofrimento que vem com o amor, ele se preocupa mais consigo mesma do que com o amor. Nas palavras de ‘Ayn al-Qudat, o rouxinol não serve para a causa do amor porque permanece um vidente que ainda não se tornou nada:

Não viste que o rouxinol é amante da rosa? Quando o rouxinol se aproxima da rosa, não consegue suportá-la - ele se lança contra a rosa. Mas os espinhos sob a rosa têm uma estação, então eles fazem com que a rosa mate o rouxinol. Se a rosa não tivesse o tormento dos espinhos, todo rouxinol teria se declarado amante [da‘wa-yi ‘ashiqi]. Mas, dados os espinhos, nem um único entre cem mil rouxinóis pode afirmar ser um amante da rosa. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 341-342, § 453).

No entanto, existem aqueles raros rouxinóis que cumprem sua reivindicação de amor pela rosa, aceitando a dor, o sofrimento e a aniquilação que acompanham sua fuga para o canteiro de rosas. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 207, § 266). Quando alguém é como aquele rouxinol que prefere a rosa a si mesmo, ele não é mais um “covarde” em relação ao amor, pois aceitou de bom grado as tribulações do amor. Isso traz uma certa qualidade de alma na dignidade do amante (ahliyyat).⁸ Devido a essa dignidade, pode-se então entrar em um relacionamento de amor com Deus. Como nos diz a doutrina pré-socrática, só os semelhantes podem conhecer os semelhantes. Nesta lógica, o verdadeiro amante conhecerá naturalmente a linguagem do amor e conseqüentemente poderá falar como os amantes falam:

Quem não é merecedor de amor não é merecedor de Deus. Quem não é digno de amor não é digno de Deus. O amor pode falar com o amante, e o amante conhece o valor do amor. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 111, § 157).

3 O caminho de Majnun

Como deve ficar claro com o que foi dito acima, a principal percepção de ‘Ayn al-Qudat sobre o caminho do amor por Deus é que ele inevitavelmente virá com dor e sofrimento, o pior dos quais é a agonia da distância do Amado. Isso ocorre porque o chamado amante, na medida em que é diferente do Amado, ainda mantém algum tipo de status ontológico independente a seus próprios olhos. Ele

⁸ ‘Ayn al-Qudat desenvolve a noção de “dignidade” em outro contexto, ou seja, em seu tratamento do Corão. Veja Rustom, 2021, p. 75-88.

ainda está em busca do Amado. E enquanto ele permanecer um aspirante em busca do Amado, ele sofrerá. ‘Ayn al-Qudat afirma sucintamente o problema da seguinte forma: “O amante ainda é um aspirante e, neste mundo, o aspirante é colocado no topo da árvore da separação.” (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 222, § 285).

Quanto mais estreita a lacuna entre o amante e o Amado, isto é, quanto menos do amante houver e quanto mais do Amado houver, menos separação haverá. E quanto menor a separação, menor a dor da separação. Mas, da mesma forma, quanto menor a separação, mais as categorias de “sujeito” e “objeto” e “eu” e “você” são eliminadas. E quanto mais essas categorias forem eliminadas enquanto ainda resta um sujeito afirmativo, mais o amor se revelará uma questão de embriaguez, estupor, confusão e loucura. Com esta questão em mente, ‘Ayn al-Qudat baseia-se no tropo dos amantes proverbiais *Layla* e *Majnun*. Ele diz a seus leitores que, se quiserem alcançar Deus, devem ser como *Majnun*, eternamente em dívida com a simples menção de sua amada, apesar de si mesmo:

Ó querido amigo! Chegar a Deus é obrigatório. E, sem dúvida, seja o que for por meio do qual se chega a Deus é obrigatório para os buscadores. O amor faz com que o servo chegue a Deus. Assim, por esta razão, o amor é uma obrigação no caminho. Deve-se ter a qualidade de *Majnun* [*majnun sifāti*], que, ao ouvir o nome de *Layla*, pode perder seu espírito! Para o solteiro, que preocupação e cuidado com o amor de *Layla* ele teria? Não é uma obrigação para aquele que não é amante de *Layla* - é uma obrigação no caminho para *Majnun*. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 97-98, § 138).

Ó querido amigo! Você sabe o que a beleza de *Layla* disse ao amor apaixonado de *Majnun*? Dizia: “Ó *Majnun*! Se eu piscar, mesmo que existam cem mil pessoas como *Majnun* que vêm a pé, elas serão mortas pela minha piscadela.” Ouça o que *Majnun* disse: “Não se preocupe! Se sua piscadela aniquilar *Majnun*, sua chegada e sua generosidade lhe darão subsistência”. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 110 § 156).

‘Ayn al-Qudat, sem dúvida, assumiu as qualidades de *Majnun* e, em um trecho de seus escritos, ele oferece um comentário sobre sua situação ao ser dominado pela loucura do amor. Ele proclama paradoxalmente que “A loucura do amor me deixou tão altruísta e em transe que não sei o que estou dizendo!” (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 237, § 307). Observe como ‘Ayn al-Qudat diz que a loucura do amor “o” deixou altruísta a tal ponto que “ele” não sabe o que “ele” está dizendo. Esse tipo de amor no léxico de ‘Ayn al-Qudat é conhecido como amor intermediário (*‘ishq-i miyana*). É uma forma ainda imperfeita de amor na medida em que ainda opera dentro dos limites de uma dicotomia sujeito-objeto,

por mais que a distinção entre esses dois seja turva:

No amor intermediário, uma diferença pode ser encontrada entre a testemunha e o testemunhado. Quanto ao fim do amor, se dá quando não se consegue encontrar uma diferença entre eles. Quando o amante no final do caminho se torna amor e quando o amor da testemunha e do Testemunhado se tornam um, a testemunha é o Testemunhado e o Testemunhado é a testemunha. Você considera isso uma forma de encarnacionismo, mas isso não é encarnacionismo. É a perfeição da união e unidade! De acordo com a religião dos realizadores, não há outra religião senão essa. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 115, § 162).

Em outro lugar, ‘Ayn al-Qudat explica que no final do amor “não resta nem louco, nem amante, mas apenas loucura e amor”. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 237, § 307). Ele também chama o fim do amor de “amor maior”, que é definido como o amor de Deus por Suas criaturas. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 101-102, § 143). Embora essa forma de amor pareça implicar a existência de sujeito e objeto, na realidade é a forma mais elevada de unidade. Isso porque nos leva ao próprio amor que, propriamente falando, não se preocupa nem com o sujeito nem com o objeto. Para ilustrar este ponto, ‘Ayn al-Qudat oferece uma leitura única de Q 5:54, Ele os ama e eles O amam:

Ó querido amigo! Ouça que Ele os ama e eles O amam [Q 5:54]. Quando eles O amam é posto em prática, pode-se perceber que Ele os ama em sua totalidade. Então diz que os ama, pois chegou com tudo o que é. O sol pode iluminar toda a terra, pois sua superfície é vasta. Mas, enquanto a casa do seu coração não virar toda a sua face para o sol, nenhum raio de sol pode ser sua parte. “E entre os Seus sinais está o sol” [Q 41:37], que por si mesmo atesta que Ele os ama e tem tal atributo de vastidão que pode ser para cada pessoa. Mas, enquanto a totalidade do seu amor não lhe for dada, a casa do seu coração não encontrará os raios em sua totalidade. No claustro [khalwat-khāna] do “eles O amam”, Ele os ama por si mesmos e ele mesmo fala do que é o amor, e de quem é o Amado. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 110, § 156).

4 Tudo é fogo

Em nenhum lugar ‘Ayn al-Qudat é mais claro sobre as implicações do fim do amor do que quando ele iguala o amor ao fogo. O fogo é um símbolo perfeito para o amor porque tudo consome: tudo o que encontra queima e reduz a nada. Assim, ‘Ayn al-Qudat diz: “O amor é um fogo – em todo lugar onde está, ninguém além dele pode permanecer; em todo lugar que alcança, ele queima e se transforma em sua própria cor”. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 97, § 137).

Ao explicar o final do amor, ‘Ayn al-Qudat geralmente se baseia no par

comum de mariposa (parvana) e vela (sham‘). A mariposa, que simboliza a alma humana, é por natureza uma amante da chama da vela, que simboliza Deus/amor. Como costuma fazer uma mariposa, quando vê a chama da vela, não pode deixar de mergulhar na chama com todo o seu ser:

Sem o fogo a mariposa fica inquieta, mas no fogo ela não existe. A mariposa é tão consumida pelo fogo que vê todo o mundo como fogo. Quando chega ao fogo, atira-se no meio dele. A própria mariposa não sabe diferenciar o fogo em si de outra coisa que não seja o fogo. Por que? Porque o amor em si mesmo é todo fogo... Quando a mariposa, lança a si mesma no meio do fogo e fica queimada, tudo vira fogo. Que notícias tem de si? Enquanto estiver consigo mesmo, estará em si. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 99, § 141).

Uma vez que o amor a tudo consome, em última análise não se pode falar de um amante separado. Isso ocorre porque quando há um amante, há um “eu” separado que está posicionado ao lado de Deus, o “eu” supremo. Enquanto alguém insiste em seu próprio “eu”, ele permanece preso dentro dos limites de seu próprio ego e está, na realidade, morto. Mas quando ele sai de si mesmo, ele pode viver, não como um “eu” separado, mas como seu “Eu” real:

Ai de mim! O que você vai ouvir?! Para nós, a morte é isto: a pessoa deve estar morta para tudo o que é diferente do Amado até que encontre a vida no Amado e torne-se viva por meio do Amado. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 288, § 374).

Quem não passa por esta morte não encontra a vida. Quer dizer, o que você sabe ser a morte não é aquela morte real, que é a aniquilação. Você entende o que estou dizendo? Afirmo que quando você é você mesmo e está consigo mesmo, você não é. Mas quando você não está consigo mesmo, você é todo você mesmo. (‘Ayn al-Qudat, 1994, p. 287, § 374).

O verdadeiro amor, portanto, não envolve o amante na relação de amor, porque o amante não é nada diante do amor. Na medida em que ele é, ele não é um amante. E na medida em que ele não é, não há nada além de amor. Uma vez que o amor envolve total abnegação, o que também significa perder o próprio senso de si mesmo, a mariposa é um símbolo perfeito do amante ideal: sem olhar para a direita nem para a esquerda, sem consequências ou prêmios em mente, ela simplesmente se lança no fogo, que é seu único objetivo. O próprio fogo que recebe a mariposa a reduz a nada, e é tudo o que existe:

Se você quer que eu dê um exemplo disso, preste atenção! A mariposa, que é amante do fogo, não participa dele enquanto estiver distante da luz do fogo. Quando ela se joga no fogo, ela se torna altruísta e nada resta de mariposa - tudo é fogo. (Ayn al-Qudat, 1994, p. 242, § 316).

Conclusão

Ouvir o que ‘Ayn al-Qudat tem a dizer sobre o amor pode ajudar a informar a pesquisa acadêmica sobre a mística islâmica. Ao mesmo tempo, diz muito respeito às nossas próprias vidas, especialmente porque o amor para muitas pessoas nos dias atuais é considerado apenas um sentimento humano passageiro. Como vimos, para ‘Ayn al-Qudat, nada poderia estar mais longe de sua visão de amor. O amor não existe apenas entre as pessoas em suas vidas cotidianas, nem é apenas uma expressão do anseio humano pelo divino. É muito mais expansivo, abrangendo toda a realidade porque ele próprio é a base e o material de toda a realidade.

Onde a maioria dos seres humanos se encontra ao longo do *continuum* do amor tem tudo a ver com sua localização naquele momento particular como amantes individuais. Quanto mais avançam em seus encontros específicos com o amor, mais preparados se tornam para o encontro com o próprio Amor, que é Deus. No entanto, para ‘Ayn al-Qudat, quanto mais cedo alguém puder ver que não é outro senão o Amado que ele ama, mesmo em seus objetos de amor, mais rapidamente sua experiência de amor será mais profundamente enraizada e altruísta. Isso só pode acontecer quando a pessoa é totalmente consumida pelo fogo do amor. É a partir daí, então, que ele passará a ver a si mesmo e a todas as coisas como traços fugazes da imagem do eterno Amado.

REFERÊNCIAS

‘AYN AL-QUDAT. **Tamhidat**. Ed. ‘Afif ‘UsayrAn. Tehran: Intisharat-i Manuchihri, 1994.

‘AYN AL-QUDAT. **Nama-hA**. Editado por Ali Naqi Munzawi and Afif ‘UsayrAn. Tehran: Intishārāt-i Asātir, 1998.

CHITTICK, William. **Divine Love: Islamic Literature and the Path to God**. New Haven: Yale University Press, 2013.

CHITTICK, William. **The Sufi Path of Love: The Spiritual Teachings of Rumi**. Albany: State University of New York Press, 1983.

FARHADI, Rawan. **‘Abdullah Ansari of Herat (1006-1089 C.E.): An Early Sufi Master**. Richmond, Surrey: Curzon, 1996.

KEELER, Annabel. **Sufi Hermeneutics: The Qur’an Commentary of Rashid al-**

Din Maybudi. Oxford: Oxford University Press in association with The Institute of Ismaili Studies, 2006.

LUMBARD, Joseph. **Ahmad al-Ghazali, Remembrance, and the Metaphysics of Love.** Albany: State University of New York Press, 2016.

MURATA, Kazuyo. **Beauty in Sufism: The Teachings of Ruzbihan Baqli.** Albany: State University of New York Press, 2017.

RUSTOM, Mohammed. The Ocean of Nonexistence. **Mawlana Rumi Review**, 4 (2013): p. 188-199.

RUSTOM, Mohammed. **‘Ayn al-Qudat’s Qur’anic Vision: From Black Words to White Parchment.** In: RIDGEON, Lloyd (ed.). **Routledge Handbook on Sufism.** London: Routledge, 2021, p. 75-88.

RUSTOM, Mohammed. **Inrushes of the Heart: The Sufi Philosophy of ‘Ayn al-Qudat.** Albany: State University of New York Press, 2023.

SAM‘ANI, Ahmad. **The Repose of the Spirits: A Sufi Commentary on the Divine Names.** Translated by William Chittick. Albany: State University of New York Press, 2019.

ZARGAR, Cyrus. **Religion of Love: Sufism and Self-Transformation in the Poetic Imagination of ‘Attar.** Albany: State University of New York Press, 2024.